

MARCHA DAS MULHERES NEGRAIS DE SÃO PAULO

CONVITE À
ORGANIZAÇÃO
COLETIVA



FICHA TÉCNICA

Esta publicação foi realizada com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo e fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha (BMZ). O conteúdo da publicação é responsabilidade exclusiva de Marcha das Mulheres Negras de São Paulo e não representa necessariamente a posição da FRL.

MARCHA DAS MULHERES NEGRAS

DE SÃO PAULO. Somente alguns direitos reservados. Esta obra possui a licença Creative Commons de Atribuição + Uso não comercial + Não a obras derivadas



MARCHA DAS MULHERES NEGRAS DE SP

Instagram/[marchadasmulheresnegrassp/](https://www.instagram.com/marchadasmulheresnegrassp/)
narrativasdeliberdade@gmail.com

Coordenação Geral

Andréia Alves e Juliana Gonçalves

Autoras

Ana Paula Evangelista,

Andréia Alves e Juliana Gonçalves

Co-autoria

Luciana Araújo e Nilza Iraci

Pesquisadoras

**Ana Paula Evangelista, Andréia Alves
e Juliana Gonçalves**

Fotografias

Dai Pettine, Jessica Laurinda,

Vanderlei Yui

ORALITURAS

oralituras.com.br

Coordenação Editorial

Maiê Freitas

Assistente Editorial

Agnis Freitas

Projeto gráfico e diagramação

Silvana Martins

Ilustrações

Neon Cunha

Revisão

Larissa Moreira e Janaina Ramos

FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO

rosalux.org.br

Diretor

Torge Loedding

Coordenação de Projetos

Christiane Gomes

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

M315

Marcha das Mulheres Negras de São Paulo: convite à organização coletiva / Andréia Alves (Organizadora), Ana Paula Evangelista (Organizadora), Juliana Gonçalves (Organizadora) – São Paulo: Oralituras, 2021.

(Marcha das Mulheres Negras de São Paulo, V.1)

32 p.; 15 X 21 cm

ISBN: 978-65-995064-2-0 - V.1

1. Feminismo negro. 2. Mulheres negras. 3. Política. 4. Organização coletiva. 5. Movimento popular. I. Alves, Andréia (Organizadora). II. Evangelista, Ana Paula (Organizadora). III. Gonçalves, Juliana (Organizadora). IV. Título.

CDD 305.42



INTRODUÇÃO



Existe na vida de muitas mulheres, sobretudo as negras, uma solidão que afeta todos os campos da nossa vida. Não estamos aqui falando apenas da ausência de uma parceira ou parceiro. Pelo contrário, muitas vezes falta uma boa conversa, uma reflexão coletiva, um afago, e a solidão pode existir mesmo dentro de uma relação afetiva. **Os corpos de mulheres negras quase sempre estão voltados aos cuidados das/os outras/os.** A garantir o sustento das vidas das nossas famílias, cuidando das/os filhas/os, irmãs/ãos, sobrinhas/os. No meio de tudo isso, olhar as nossas necessidades é quase sempre uma missão difícil. Fica parecendo quase como algo egoísta quando, na verdade, o cuidado conosco é essencial, principalmente, quando somos nós a cuidar das/os outras/os.

Este convite à organização coletiva em forma de cadernos é originado pelo sentimento de que todas as mulheres negras deveriam ter uma outra mulher negra para chamar de mana. Para trocar experiência, para ser acolhida, para descobrir sobre nossa ancestralidade em comum. Indo além disso, queremos

apresentar os diversos motivos que tornam a **organização coletiva de mulheres negras, o principal pavio de revolução**, de mudança concreta nas nossas vidas.

Nós, mulheres negras, somos herdeiras de uma ação coletiva que minou o sistema escravocrata. **Você sabia que quando a Lei Áurea foi assinada, de dez escravizadas/os, seis já eram livres?** Como isso aconteceu? Com a participação de corpos negros insurgentes, com a ação organizada de mulheres africanas e negras nascidas no Brasil. Na época, as ganhadeiras que trabalhavam nas ruas e, por circularem

“COMPANHEIRA, ME AJUDE QUE EU NÃO POSSO ANDAR SÓ. EU SOZINHA ANDO BEM, MAS COM VOCÊ ANDO MELHOR.”

CANTIGA DE MULHERES (DOMÍNIO PÚBLICO)

UM CONVITE À ORGANIZAÇÃO COLETIVA, BÓRA SE AQUILOMBAR!

POR JULIANA GONÇALVES



tanto, conseguiam criar estratégias de fuga para a liberdade dos quilombos e para a organização coletiva de compra de alforrias, além das revoltas e revoluções como a Revolta dos Malês (1835, em Salvador), a Cabanagem (1835, em Belém do Pará). Esses são apenas exemplos do que a organização coletiva é capaz de transformar.

Estar em coletivo nos ensina sobre uma sociedade melhor e, no caso de pessoas negras, ensina também a nossa história. **Já passaram 17 anos desde que o Movimento Negro conquistou a Lei 10.639, mais tarde alterada pela Lei 11.645 para incluir nossas/os irmãs/ões indígenas**, e seguimos aprendendo pouco sobre a história africana, afro-brasileira e indígena.

Quem conta as histórias de como chegamos até aqui são os movimentos sociais, os movimentos negros e de mulheres negras. Em seu livro “O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação”, Nilma Lino Gomes, pedagoga e intelectual negra, destaca como os movimentos sociais são “os produtores e articuladores” dos saberes que a história oficial não alcança.

Além disso, o racismo e o machismo afetam duramente a vida das mulheres negras e sobreviver a eles não precisa ser uma tarefa individual. Sozinhas andamos bem, mas juntas podemos andar melhor.

Herdamos de África a valorização do estar em coletivo, reinventamos formas e meios todos os dias, desde os primeiros passos da organização de mulheres negras. Nós, da Marcha das Mulheres Negras de São Paulo, acreditamos que se aquilombar é um processo de cura e idealizamos esse Caderno-Convite que apresenta as possibilidades do fazer coletivo, da criação de espaços seguros de troca e conhecimento. Esperamos que o caderno tenha um uso prático na organização de grupos e coletivos como material de troca e consulta.



JUNTAS E EM MOVIMENTO SOMOS MAIS FORTES

POR ANDREIA ALVES

No Brasil, o feminismo emerge no final do século 19 na luta por educação, abolição da escravatura e direito ao voto. Almerinda Farias Gama e Maria Rita Soares de Andrade, duas mulheres negras, se destacaram na luta pela emancipação das mulheres. Sendo Almerinda a primeira e única mulher representante classista (representando a classe trabalhadora) a votar na Assembleia Constituinte de 1933. Porém, as mulheres negras nunca foram contempladas de maneira integral nesses movimentos. Mesmo

sendo as principais mantenedoras das famílias brancas e negras, as que projetavam a economia e estruturas sociais desta nação. E foi partindo da ausência das discussões de raça e classe, dentro do movimento feminista, e da ausência do recorte de gênero nos movimentos negros, que as mulheres se uniram na busca por espaços que contemplassem seus diversos pertencimentos e interseccionalidades.

Somos nós, mulheres negras, as que mais temos os nossos direitos violados.



Somos nós que estamos na base da construção deste país e não é de hoje que estamos sofrendo diversas violências promovidas e consentidas pelo Estado.

Os movimentos de mulheres negras surgem justamente para pensar estratégias de sobrevivência, de disputa de narrativas e para expor casos de racismo, machismo e sexism. Seja nos espaços de poder ou nas estruturas sociais que legitimam tais práticas. O processo de escravização legitimado, inclusive, pela igreja, tirou nosso direito à humanidade, desrespeitaram nosso sagrado, nos impuseram suas culturas. Muito sangue negro foi derramado, mas reconhecemos nossas dores para ressignificar nossas trajetórias. Isto

é, para traçar novas estratégias de sobrevivência e para fadar ao fracasso um plano genocida.

Está posto que não há possibilidade de pensar esta nação sem levar em consideração a luta e resistência dos povos afrodiásporicos, sobretudo das mulheres negras. Lutaremos para que nenhum direito já conquistado seja retirado e, por isso, esses espaços de luta se fazem tão necessários.

São muitas as lutas, mas em nenhuma delas estamos sozinhas. Aliás, todas as nossas conquistas não seriam possíveis se não fossem através dos coletivos. Do estar junto, do movimento, da soma, do companheirismo, da irmandade, das parcerias, das alianças.

Somos mulheres negras, cis e trans, quilombolas, moradoras das periferias e favelas, acadêmicas, mães de santo, parlamentares, militantes de movimentos por moradia, de combate ao racismo, de combate à violência contra a mulher e à LGBTfobia. Somos empreendedoras, trabalhadoras domésticas, de lojas e das fábricas, somos marreteiras, artistas, poetas, escritoras, bailarinas, jornalistas, pedagogas, psicólogas, advogadas, professoras e tantas outras mais, pensando e trabalhando para um mundo mais justo.

GRADECIMENTOS

NÓS PODEMOS PORQUE SOMOS UBUNTU!

Às nossas e nossos ancestrais por abrirem caminhos e seguirem nos mostrando a direção, nosso muito obrigada! Gratidão também aos nossos familiares, mães, pais, irmãs, irmãos, avós, companheiros e aos nossos filhos Akins Samuel e Yakíni Liberto.

À todas as mulheres que compõem a Marcha das Mulheres Negras de São Paulo que são a base para a construção coletiva. Aquelas que somaram e compartilharam seus saberes e experiências. Ficam aqui os nossos sinceros agradecimentos.

Gratidão também às entidades que somaram para o crescimento da MMNSP: Baobá - fundo para equidade racial através do edital. Fortalecimento de capacidades de organizações, grupos, coletivos de mulheres negras do “Programa de aceleração do desenvolvimento de lideranças femininas negras: Marielle Franco”. Ao Fundo ELAS, através do necessário edital “Mulheres em Movimento 2020”.

Gratidão imensa à Fundação Rosa Luxemburgo, em especial a coordenadora de projetos Christiane Gomes por nos apoiar no nascimento do projeto “Narrativas de Liberdade”.

Somos muitas, muitas ideias, muitas inspirações, muitas histórias. Nossa gratidão à Ana Paula Evangelista, Luciana Araújo, Maria José Menezes e Nilza Iraci que colaboraram para que este material nascesse, com contribuições na escrita e importantes sugestões.

Agradecemos aos espaços culturais, verdadeiros quilombos que nos acolheram neste processo, como o Espaço Cultural Adebanke, o Quilombo Sambaqui, o Centro de Referência e Defesa da Diversidade (CRD), a Goma Capulanas, a Casa de Cultura da Vila Guilherme, a Biblioteca Comunitária Solano Trindade, o Projeto Alavanca Social e o CCS favela Vila Dalva.



MARCHA DAS MULHERES NEGRAS DE SÃO PAULO: SOU PORQUE SOMOS!

POR ANA PAULA
EVANGELISTA

A vida humana sempre foi pautada na coletividade, este conceito se concretiza nas formas distintas de organização das comunidades tradicionais, incluindo as africanas. Nesse sentido, os movimentos sociais têm proporcionado experiências únicas de acessos, pois inspiram-se em fenômenos históricos para dar continuidade às lutas.

Você sabia que no sul do Egito existia uma dinastia de rainhas guerreiras que detinham o poder do reino de Maroé pouco tempo antes da era cristã? Formando assim uma sociedade matrilinear, caracterizada por um sistema de organização social baseado na descendência materna, onde fazer parte do clã ou classe se dava a partir dessa filiação. Eram as Candaces!

Assim como outros espaços de militância, a Marcha das Mulheres Negras de São Paulo (MMNSP) tem se guiado por trajetórias. Fundamentando suas ações na coletividade, ancestralidade e no bem viver. Temos um repertório expressivo de inspirações e nos reverenciamos na figura das “Candaces” de ontem e hoje, das “Terezas”, “Luanas”, “Marielles” e tantas outras. É possível afirmar que a Marcha é também resultado dessas lutas, somos legados e continuidade.



Nosso ponto de partida é justificado nas dores das mães negras. Na falta de representação política. Na normatização das mortes dos corpos trans e travestis. No encarceramento em massa. Na ausência de políticas públicas. No fomento ao racismo religioso. E, sobretudo, na disputa de narrativas que levem em conta nossa humanidade no cenário político e na sociedade.

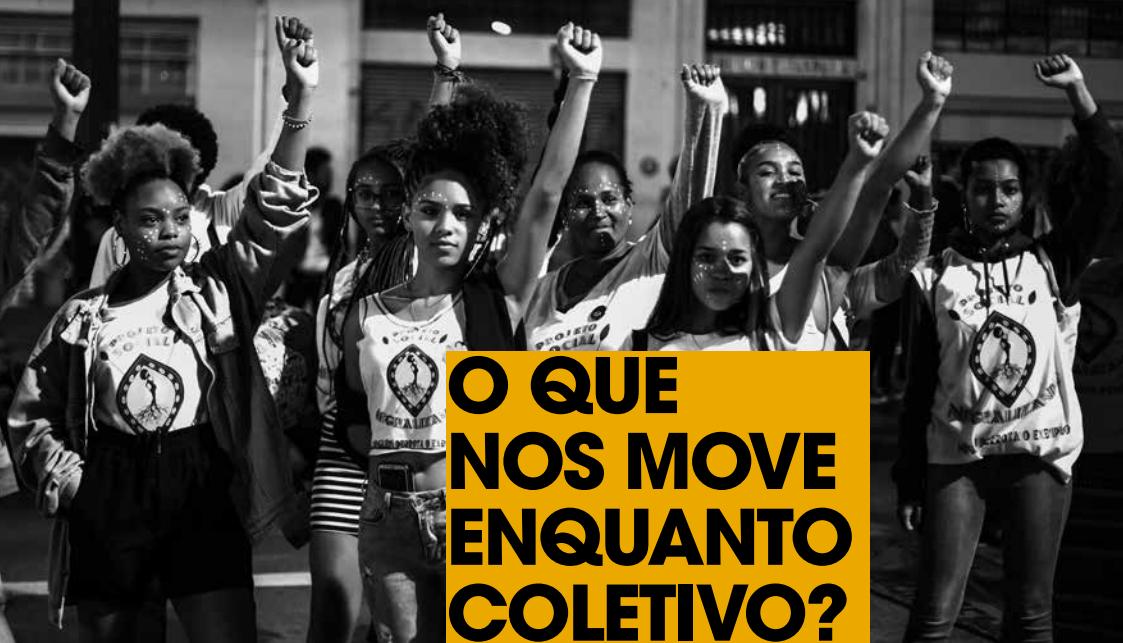
A Marcha se apresenta nessa seara como uma frente popular, não hierárquica, organizada, estruturada e articulada por mulheres negras. Tem como principal objetivo a luta contra o racismo, o machismo, a lgbtfobia, e todas as formas de preconceito e opressões. Nós nos reconhecemos enquanto frutos das lutas de enfrentamento das violações cotidianas que provocam dor. Mas buscamos ressignificar e promover um espaço de acolhimento, denúncias e cura.

Foi partindo desse lugares que juntas criamos este espaço após a Marcha Nacional das Mulheres Negras¹, que em 18 de novembro de 2015 levou 50 mil mulheres negras às ruas de Brasília/DF. Depois de participarmos da articulação que culminou em um ato exigindo justiça à Luana Barbosa dos Reis, assassinada em Ribeiro Preto pela polícia em 2016, entendemos a necessidade de seguirmos juntas. Assim, o Núcleo Impulsor da Marcha do Estado de São Paulo, em diálogo com coletivos, grupos de mulheres, ONGs, partidos políticos e mulheres independentes, articulou uma marcha paulista que em 25 de julho de 2016 - dia nacional da mulheres negra em femenagem à quilombola Tereza de Benguela e dia internacional da mulher afro-latina americana e caribenha -, se consolida e leva às ruas da capital cerca de 3 mil mulheres.

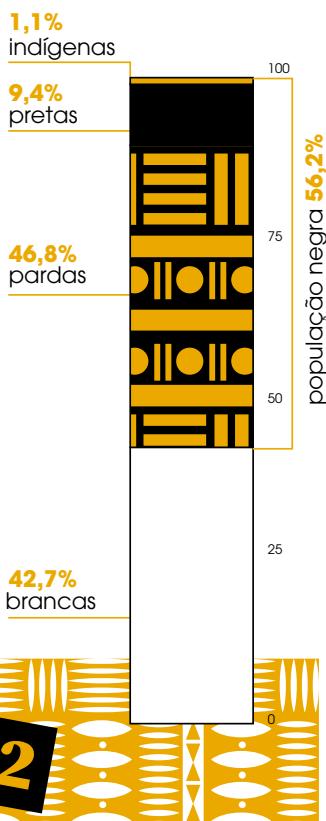
Ano após ano, a Marcha de Mulheres Negras de São Paulo tem se estruturado na busca por manutenção de direitos. Discutindo as questões de raça, gênero, orientação sexual e classe. Reafirmando as mulheres negras enquanto agentes de transformação social e referências de luta. Vivemos num contexto de desmonte de direitos, de aumento do discurso do ódio, do encarceramento e mortes. Para barrar essas e todas as violações, propomos romper com as estruturas que nos massacam por meio de um trabalho contínuo de conscientização e ação política. Desejamos viver no agora, o mundo que sonhamos. Partimos do entendimento de que, quando uma mulher negra avança, ninguém fica para trás. E por essa razão nos colocamos como agentes de emancipação não só da mulher negra, mas de toda a comunidade. Dialogamos com Audre Lorde, quando entendemos que não seremos livres enquanto alguma mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das nossas. Ao pensarmos a liberdade da mulher negra, consideraremos a liberdade de todas.



1 Em 2011, durante os encontros paralelos da sociedade civil para o Afro XXI: Encontro Ibero-Americano do Ano dos Afrodescendentes, realizado de 16 a 20 de novembro de 2011, em Salvador, Bahia, que a ideia de realização de uma Marcha Nacional reverberou. A propositora foi Nilma Bentes, militante histórica do movimento negro paraense. Na época, ela fazia parte da composição da coordenação da Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB) que, em 2012, compôs junto a outras entidades nacionais do movimento negro o Núcleo Impulsor Nacional da Marcha. São elas: Agentes de Pastoral Negros (APNs), Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB), Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Quilombolas (Conaq), Coordenação Nacional de Entidades Negras (Conen), Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (Fenatrad), Fórum Nacional de Mulheres Negras (FNMN), Movimento Negro Unificado (MNU) e União de Negros e Negras pela Igualdade (Unegro).



O QUE NOS MOVE ENQUANTO COLETIVO?



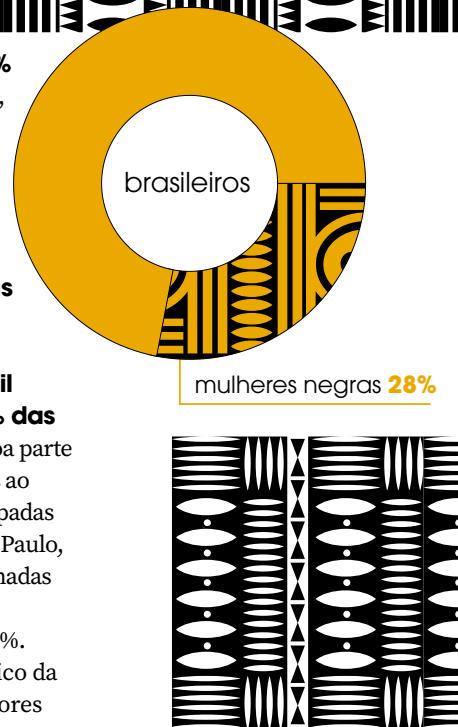
A Marcha das Mulheres Negras de 2015 apontou a crítica das mulheres negras ao modelo social vigente. Já que, embora os nossos corpos estejam na base da movimentação política e econômica, eles seguem apartados de usufruir os frutos desse trabalho. Essa condição histórica vem sendo denunciada há tempos por nós mulheres negras e se refletem em dados sobre a nossa condição de vida.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019², 42,7% dos brasileiros se declararam como brancas/os, 46,8% como pardas/os, 9,4% como pretas/os e 1,1% como amarelas/os ou indígenas. Ou seja, a população negra soma 56,2% do total dos brasileiros, com o somatório dos pretos e pardos. **As mulheres negras somam quase 60 milhões de pessoas —28% dos brasileiros**, segundo a PNAD. A taxa de analfabetismo traz a dimensão dos abismos raciais. Das pessoas de 15 anos de idade ou mais, foi estimada em 6,6% (11 milhões de analfabetos). Para as pessoas pretas ou pardas (8,9%), a taxa de analfabetismo foi mais que o dobro da observada entre as pessoas brancas (3,6%).

Segundo o informativo do mesmo ano do relatório “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no

Brasil do IBGE³, a informalidade atinge 47,3% do total de pretas/os e pardas/os no Brasil, enquanto entre os brancas/os esse percentual é de 34,6%. O rendimento também apresenta desigualdades de gênero e raça/etnia. O levantamento aponta uma maior distância entre os rendimentos dos homens brancos quando comparados aos das **mulheres pretas ou pardas que recebem 44,4% menos** do que eles.

Já nos dados sobre violência, aí sim, temos o pódio negativo. Segundo o Atlas da Violência: **o Brasil tem 13 homicídios de mulheres por dia e 66% das vítimas é negra**, morta por armas de fogo e, em boa parte dos casos, dentro de casa. Somos as mais vulneráveis ao desemprego, com 13,3% de mulheres negras desocupadas (IPEA, 2017); e na falta de moradia. No estado de São Paulo, o percentual de pessoas negras que moram nas chamadas habitações subnormais (favelas, cortiços, palafitas, loteamentos clandestinos e/ou irregulares) é de 60,66%. Em São Paulo, embora estejamos no estado mais rico da nação, ocupando a 21^a posição no ranking das maiores economias do mundo, essa riqueza não alcança a condição de vida das mulheres negras. A luta organizada e coletiva é a nossa resposta contra a realidade revelada pelos dados acima. Combatemos juntas essa sociedade racista, patriarcal, machista e LGBTfóbica que nos empobrece, nos joga para as margens sem oportunidades. No coletivo temos mais ferramentas para lutar e nossas vozes juntas se amplificam. Se nossos problemas estruturais são coletivos, as soluções precisam também ser. Por isso nos organizamos, na certeza de que juntas, mais do que sobreviver, devemos lutar por condições de vida plena para nossas mulheres.



² Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html> Acessado em: 11 de setembro de 2020.

³ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=sobre> Acessado em: 30 de agosto de 2020.

COMBATEMOS SISTEMATICAMENTE ● RACISMO, A LGBTFOBIA E ● FEMICÍDIO, ● GENOCÍDIO DAS PESSOAS NEGRAS, ALÉM DO RACISMO RELIGIOSO E AMBIENTAL. LUTAMOS PELA EQUIDADE DE GÊNERO E RACA. POR UMA EDUCAÇÃO QUE NOS CONTEMPLA. PELO INGRESSO E PERMANÊNCIA NAS UNIVERSIDADES. PELO DIREITO AOS NOSSOS CORPOS. PELA LIVRE EXPRESSÃO DA NOSSA SEXUALIDADE. PELA MORADIA DIGNA. PELA LIVRE EXPRESSÃO DA NOSSA RELIGIOSIDADE E CULTURA, ENTRE OUTRAS PAUTAS.

COMO ESTAMOS ORGANIZADAS?



Nossa organização se baseia na horizontalidade (sem níveis hierárquicos entre nós), por isso todas as iniciativas são resultado de amplos debates, respeitando as necessidades da maioria e suas especificidades. As reuniões acontecem mensalmente e as discussões ocorrem de acordo com as demandas trazidas pelas companheiras, intensificando-se nos meses próximos ao 25 de julho. Nossas formações, seminários, projetos, reivindicações e denúncias são amplamente discutidas em grupos de trabalhos (chamados de GT's) e levadas ao diálogo coletivo de acordo com a necessidade da conjuntura.

A configuração dos GT's se divide em Permanentes e Temporários. Sendo permanentes os grupos que dialogam com as pautas da Marcha de forma contínua, e temporários aqueles que são criados provisoriamente para as ações anuais do 25 de julho. Os grupos de trabalho têm total autonomia na tomada de decisões. Desde que respeitem os acordos coletivos e as formulações da nossa Carta de Princípios que orienta a posição política e o lugar da MMNSP na sociedade, definidas coletivamente. Assim, os GT's escolhem suas representações que discutem, elaboram e apresentam propostas e projetos para o coletivo em momentos de reuniões gerais. Importante ressaltar que esses GT's, sejam eles permanentes ou temporários, trabalham em constante diálogo com os demais, realizando reuniões com o objetivo de alinhamento e de construção conjunta.

NOSSOS GT'S PERMANENTES

Projetos: responsável por elaborar, escrever, submeter e administrar os projetos em nome do coletivo. Assim como acompanhar todo o desenvolvimento até a prestação de contas, sempre administrado por uma integrante do GT de finanças.

Comunicação: responsável por cuidar das redes sociais do coletivo, redigir textos, manifestos, notas públicas, criar artes, escrever matérias, relação com a imprensa, entre outras.

Finanças: responsável por captar recursos financeiros através de vaquinhas coletivas, elaborar campanhas de arrecadação para o fundo solidário e administrar de forma transparente os recursos conquistados pela Marcha das Mulheres Negras de São Paulo (MMNSP).

Acolhimento: responsável por acolher as mulheres da MMNSP em suas múltiplas necessidades, às vezes transcende e multiplica suas ações com mulheres negras que nos procuram em busca por acalanto, apoio a denúncias, apoio jurídico e psicológico. Além disso, ajuda na mediação de conflitos internos.

Formação: responsável por elaborar processos de formação para além dos que já se encontram definidos nos projetos. Esse GT realiza rodas de conversa e momentos coletivos e pontuais sobre temas escolhidos pelas mulheres ou impostos pela conjuntura.

Documentação: responsável por recolher e organizar os documentos produzidos pela MMNSP, assim como fotos e demais registros. Neste GT queremos garantir a organização da nossa história de luta e das nossas diversas ações desde 2015.

Seminário: responsável por organizar momentos coletivos de discussão e reflexão, anualmente, na perspectiva de renovar ou recriar nossa organização coletiva. Além de debater temas políticos que atravessam nossa militância.

NOSSOS GT'S TEMPORÁRIOS

Segurança/ Cuidado nas redes:

responsável por articular medidas de cuidado e proteção para as integrantes da MMNSP, nas redes sociais. Em 2020, o fato de a Marcha do dia 25 de julho ter sido online, impôs para todas a necessidade de aumentarmos os cuidados na rede.

Cultura: responsável por articular e garantir as programações culturais durante a nossa marcha.

Infraestrutura: responsável pela estrutura para realização da marcha, seja ela online ou presencial.



Após a segunda Marcha das Mulheres Negras, em 2017, que aconteceu no dia 25 de julho em São Paulo, nos reunimos para avaliar o processo de construção e a marcha. Na reunião de avaliação se destacou em muitas falas a necessidade de formação política para as mulheres que construíram a MMNSP. Se fez necessário elaborar um curso de formação política focado em mulheres negras e a partir daí dar os próximos passos, ainda mais unidas e alinhadas politicamente.

Nesse contexto, nascem os projetos Narrativas de Liberdade, Aquilombar e Ampliar universos e o mais recente projeto, Bem viver, diálogos do cuidar, como lugar de luta e ampliação de vozes, aprendizagem e escuta.

A concretização desses projetos nos devolveu a perspectiva e as possibilidades de ampliação de nossa atuação. Nos mostrou que, de fato, nós, mulheres negras, temos um potencial imenso de desenvolver Narrativas de Liberdade, de Aquilombar, Ampliar universos e de desenvolver ações políticas e prática para o bem viver.

PROJETOS PARA INSPIRAR



NARRATIVAS DE LIBERDADE

O projeto foi aprovado pela Fundação Rosa Luxemburgo em abril de 2018 e tinha o objetivo de promover formação política para mulheres negras, priorizando as moradoras das periferias de São Paulo. As temáticas foram definidas a partir de diálogos entre as componentes da MMNSP. O curso foi estruturado com 10 temáticas, sempre com duas palestrantes, garantindo, assim, visões plurais.

A primeira edição iniciou no dia 30 de junho de 2018 e foi concluída no dia 22 de setembro do mesmo ano. Para além das temáticas, foi também muito rico por acontecer em um período de construção da Marcha das Mulheres Negras em São Paulo e o preparatório estadual para o Encontro Nacional de Mulheres Negras. Permitindo que as integrantes do curso tivessem a oportunidade de participar ativamente de todo o processo, o que garantiu a presença de quinze mulheres negras do curso Narrativas de Liberdade no encontro estadual, onde várias saíram como delegadas e marcaram presença no Encontro Nacional de Mulheres Negras, em Goiás, 2018.

A escolha pelo formato itinerante e sempre nas periferias da cidade de São Paulo, possibilitou que conhecêssemos oito espaços culturais periféricos. Na segunda edição, em 2019, pudemos conhecer mais profundamente dois espaços onde passamos três meses em cada.

Conhecer as diversas realidades que as periferias desta cidade nos apresentam, com seus espaços potentes e de resistência. Nos proporcionou oportunidades de aprendizados e trocas e também a descoberta de muitos quilombos urbanos espalhados por São Paulo. Foi, sem dúvida, inspirador.

FOMOS ACOLHIDAS PELOS ESPAÇOS:

- Espaço Cultural Adebanke
- Quilombo Sambaqui
- Centro de Referência e Defesa da Diversidade (CRD)
- Goma Capulanas
- Casa de Cultura da Vila Guilherme
- Biblioteca Comunitária Solano Trindade
- Projeto Alavanca Social
- CCS Favela Vila Dalva



Cada formação teve um momento no qual lideranças deram um panorama histórico de cada espaço e suas atuações no território. A garantia de transporte e alimentação foram de suma importância para o bom andamento do projeto.

Em todos os dias do curso, tínhamos um espaço lúdico reservado para as crianças. Uma prática da Marcha das Mulheres Negras de São Paulo, por entendermos como um facilitador importante para a participação das mães. Não há como pensar nas mulheres negras e periféricas se não garantimos espaços para crianças. Muitas de nós dizemos “Se o espaço não cabe a/o nossa filha/o, não é para mim”. Certas de que nossas crias estavam bem cuidadas, passamos um dia inteiro compartilhando vivências, comendo juntas, nos emocionando e crescendo no coletivo.

Nossa tradição africana nos ensina que a comida é um elemento importante que contém axé. O momento de comer, o ajeum da tradição ioruba, faz parte do ritual sagrado: alimentamos o corpo, para nutrir o espírito. Nos nossos cursos servimos café da manhã, almoço e café da tarde em todas as formações. Sempre nos preocupando em servir também uma refeição vegana e de qualidade para todos, inclusive, para as crianças.

A cada temática, muitos aprendizados. Vimos mulheres negras se descobrindo potentes, bonitas e inteligentes. Perdendo a vergonha de usar turbantes, tranças e black power por estarem orgulhosas de serem quem são. Mulheres que passam a identificar os efeitos do racismo, do machismo, da LGBTfobia em suas vidas e na vida de outras pessoas.



OS TEMAS FORAM:

- Nossos Passos vêm de longe - a história da Marcha das Mulheres Negras
- Feminismos - da ancestralidade africana a terceira onda feminista
- Transexualidade e racismo
- O corpo negro feminino no mundo, sua representatividade e os estereótipos
- Saúde da mulher negra: o corpo, a mente e o direito ao corpo
- Por uma maternidade feminista, antirracista, anticapitalista e livre
- Lésbicas negras: a revolução que nasce do amor de uma mulher por outra
- A ancestralidade e o empoderamento feminino das yabás
- O Bem Viver pela ótica das mulheres negras
- Questão indígena: nem tão diferentes de nós
- Seminário de Encerramento

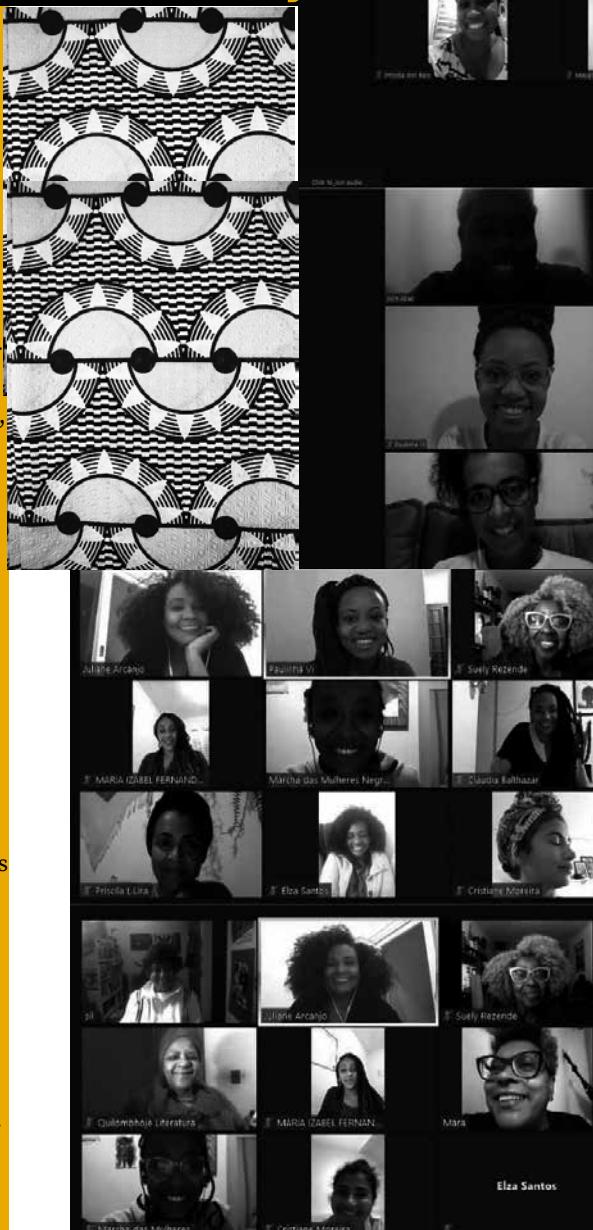
Hoje, essas mulheres seguem firmes no propósito de estarem juntas no cuidado e autocuidado - tema transversal que praticamos a cada encontro. Dispostas a levar todo este conhecimento para os territórios onde moram. Sem dúvida, esse processo está longe de se esgotar, pois, de fato, um grupo de multiplicadoras se formou e foi lindo ver esse nascimento!

AQUILOMBAR PARA FORTALECER A LUTA,

Em dezembro de 2019, fomos contempladas com a aprovação do nosso projeto pelo Fundo Baobá. Com a chegada da pandemia tivemos que adequar nossas reuniões para o meio digital, mediadas agora por uma tela de computador ou celular. Em muitos momentos mantivemos a acolhida e escuta nos encontros. Nos quais, para além das definições restritas à execução do projeto, o espaço também era o lugar de falar de suas apreensões da vida, das dificuldades diárias de trabalho, família, e discutir conjuntura política.

O projeto Aquilombar e ampliar Universos - formação política para mulheres negras, elaborado por integrantes do GT de projetos nasce da necessidade da realização de formação interna qualificada para as mulheres que constroem a MMNSP. Desde nossas primeiras reuniões de organização, entendímos que a formação política e técnica é fundamental para ampliar e qualificar nosso debate, atuação e incidência política. Nos fortalecendo do ponto de vista teórico com conhecimentos que nos possibilitem uma leitura política mais apurada. Mas também que nos permitisse ter acesso a conteúdo técnicos para tornar nossas ações mais efetivas.

No decorrer da sua execução, podemos afirmar que o projeto Aquilombar e ampliar universos já cumpre seu objetivo de formação interna. Cada atividade realizada está sendo um grande aprendizado. Um projeto ousado no qual já realizamos capacitação técnica em: Marketing digital 360°, Planejamento





Juliane Arcanjo



Valesca Mota

Ana



Paulinha Vi

FORMAR PARA AMPLIAR UNIVERSOS

Estratégico e Governança, Escrita Criativa. Nas formações políticas discutimos Racismo Estrutural, Necropolítica, Visibilidade Lésbica, criamos nosso canal do Youtube e o site oficial da Marcha de Mulheres Negras de São Paulo.

Além dos encontros formativos, com o incentivo do projeto conseguimos viabilizar também a construção do Julho das Pretas e da Marcha do 25 de julho - Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha e Dia Nacional de Teresa de Benguela. Eventos anuais realizados pela MMNSP, mas que, neste ano, foi realizado em formato quase que totalmente virtual em virtude da pandemia. Somente nas atividades no dia 25 de julho tivemos mais de 12 mil visualizações, sem dúvida uma grande abrangência. Além disso, estendemos nossas faixas com distribuição de nosso manifesto nas cinco regiões da capital Paulista e realizamos projeções de imagens e frases em prédios na zona leste, zona sul e centro de São Paulo/SP. No Julho das Pretas de 2020 tivemos eventos on-line realizados de 15 a 31 de julho com temáticas que envolviam diretamente a realidade das mulheres negras. Além de apoiar atividades de outras organizações que também compuseram nosso calendário de atividades.

O PROJETO AQUILOMBAR foi elaborado por **Andréia Alves, Fernanda Chagas, Generosa Maria de Sousa Lima, Juliane Arcanjo, Mara Lucia e Maria José Menezes.**



MULHERES NEGRAS INCIDINDO NA PRESERVAÇÃO DA SEGURIDADE SOCIAL

Em 2019, quando foi apresentada ao Congresso Nacional a Proposta de Emenda Constitucional nº 6⁴. Construímos uma série de atividades em torno ao tema da reforma da Previdência e suas consequências para as mulheres negras brasileiras. As iniciativas foram aprovadas entre os projetos selecionados para o desenvolvimento de atividades autogestionadas apoiadas pela Plataforma dos Movimentos Sociais pela Reforma do Sistema Político, dentro do projeto **"Fortalecimento da rede: Plataforma dos Movimentos Sociais pela Reforma do Sistema Político no Brasil"**.

Organizamos três rodas de conversa. As quais contamos com a presença da economista Marilane Teixeira (pesquisadora do CESIT/UNICAMP); Jupiara Castro, integrante do Conselho Nacional de Saúde; da psicóloga e coordenadora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, Maria Aparecida Bento; a advogada Izabel Silva; e das articuladoras do Espaço Adebanke, Marlene, Graça e Angelina, no bairro de Arthur Alvim, na Zona Leste de São Paulo.

O posicionamento contra a reforma, cujo projeto original atingia de forma desumana às mulheres negras, foi destaque também no lançamento

Se a **Nova previdência** passar vão exigir 62 anos de idade para a gente se aposentar. Mulheres negras têm média de vida de 69 anos.



62% de nós mulheres negras que trabalham como domésticas só conseguem pagar o INSS metade de um ano. Se a **Nova previdência** passar vamos trabalhar até morrer.



#NovaPrevidênciaMulheresNegrasNoAlvo

MARCHA DAS MULHERES NEGRAS DE SÃO PAULO 2019

POR NÓS, POR TODAS NÓS, PELO BEM VIVER!

<https://www.facebook.com/mmnegrassp>

#NovaPrevidênciaMulheresNegrasNoAlvo

MARCHA DAS MULHERES NEGRAS DE SÃO PAULO 2019

POR NÓS, POR TODAS NÓS, PELO BEM VIVER!

<https://www.facebook.com/mmnegrassp>

MARCHA DAS MULHERES NEGRAS DE SÃO PAULO 2019

RODA DE CONVERSA

PORQUE AS MULHERES NEGRAS SÃO CONTRA A NOVA PREVIDÊNCIA

27/07 (SÁBADO) | 15H

CASA MARIELLE FRANCO
AL. BARÃO DE LIMEIRA, 490 | CAMPOS ELÍSIOS
(PRÓXIMO AO | METRÔ SANTA CECILIA)

do Julho das Pretas (período de realização das atividades alusivas ao 25 de julho - Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha e de Tereza de Benguela). Em evento realizado no dia 2 de julho de 2019, na Aparelha Luzia - quilombo urbano feminista que acolhe manifestações culturais e artísticas da negritude no centro de São Paulo. Com a participação de mais de 150 pessoas. Falamos mais uma vez contra a Reforma e como a população negra é o alvo do projeto contido na proposta de emenda constitucional 6/2019.

Produzimos também uma série de cards para trabalho em nossa página no Facebook e via WhatsApp. Também fizemos atividade direta de incidência sobre os deputados federais e a sociedade, participando de audiência pública da Comissão Externa de Violência contra as Mulheres da Câmara dos Deputados, em Brasília.

⁴ A Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 6/19 pretendeu reformar o sistema de Previdência Social para os trabalhadores do setor privado e para os servidores públicos de todos os Poderes e de todos os entes federados (União, estados e municípios). O texto virou uma Emenda Constitucional em 2019.

Projeto elaborado por Luciana Araújo e Maria José Menezes



NASCE MAIS UM PROJETO BEM VIVER, DIÁLOGO COM SOBERANIA ALIMENTAR

O contexto de emergência sanitária causada pela pandemia do COVID-19 provocou aumento da vulnerabilidade social da população negra, trans e travesti brasileira que assumem diferentes lugares de exclusão alicerçados por uma sociedade machista, racista e transfóbica sexista.

A exposição em massa de trabalhadoras e trabalhadores ao vírus, associada à ausência de políticas públicas de saneamento, acesso à água, assistência médica e de prevenção, controle e o monitoramento do contágio do vírus, são os principais fatores de adoecimento e mortes desproporcionais de pessoas negras. Os dados de vítimas do Covid-19⁵ apresentam como, na interseccionalidade entre raça, classe social, gênero, orientação sexual, identidade de gênero e território, as diferentes formas de exclusão social causam o genocídio da população negra. E foram aos milhões! Famílias perderam renda, moradia e vimos o aumento da fome na sociedade. Fome, esta mazela social que atinge as mulheres negras e suas crianças.

O atual contexto, portanto, exigiu uma releitura da estratégia de atuação da MMNSP, priorizando ações de acolhimento e cuidados às mulheres negras e indígenas, em especial às mulheres trans e travestis que buscaram e buscaram a Marcha para solicitar algum tipo de auxílio e acolhimento.

Uma das atividades foi a distribuição de cestas básicas emergenciais. Observamos que elas eram compostas de alimentos de baixo valor nutricional e ausência de frutas, verduras e proteínas, agravando a qualidade de vida desta população, contribuindo para o aumento e a incidência de doenças crônicas como diabetes e hipertensão.

Diante deste cenário, integrantes do GT de Projetos submeteram o projeto ao edital Mulheres em Movimento 2020, do Fundo Elas: Fortalecendo a Solidariedade e a Confiança e a MMNSP foi contemplada com a aprovação de nossa proposta.

O edital nos possibilitará estruturar o GT de Acolhimento e Cuidado como uma referência de acolhimento e de bem-estar para essas mulheres (negras, LBTT e indígenas, dentre outras).

AS AÇÕES SERÃO ESTRUTURADAS EM TRÊS PILARES:

1. Estruturação de uma rede de apoio psicológico online e presencial;
2. Estruturar ações de autocuidado e bem-estar;
3. Estruturar ações de segurança alimentar e de alimentação saudável.

Ressalta-se que, se de um lado essa estratégia atua para o acolhimento e cuidado, de outro, busca fortalecer os nossos conhecimentos através da produção e trabalho de mulheres empreendedoras negras, LBTT e indígenas, também impactadas pelo atual cenário.

O Projeto está em fase de detalhamento das ações. Nossa objetivo é que este tenha desdobramentos na vida de todas as mulheres envolvidas dentro dos princípios do Bem Viver.

Esse projeto foi elaborado por **Ana Paula Evangelista Neris, Andréia Alves, Cinthia Abreu, Generosa Maria de Sousa Lima, Joyce Maria Rodrigues, Maria de Sousa Lima, Maria José Menezes, Patrícia Borges da Silva.**

⁵ Em 16 de julho de 2021, já ultrapassamos a marca de 539 mil mortes. 15% da população vacinada.



QUERO ME ORGANIZAR, O QUE FAZER?

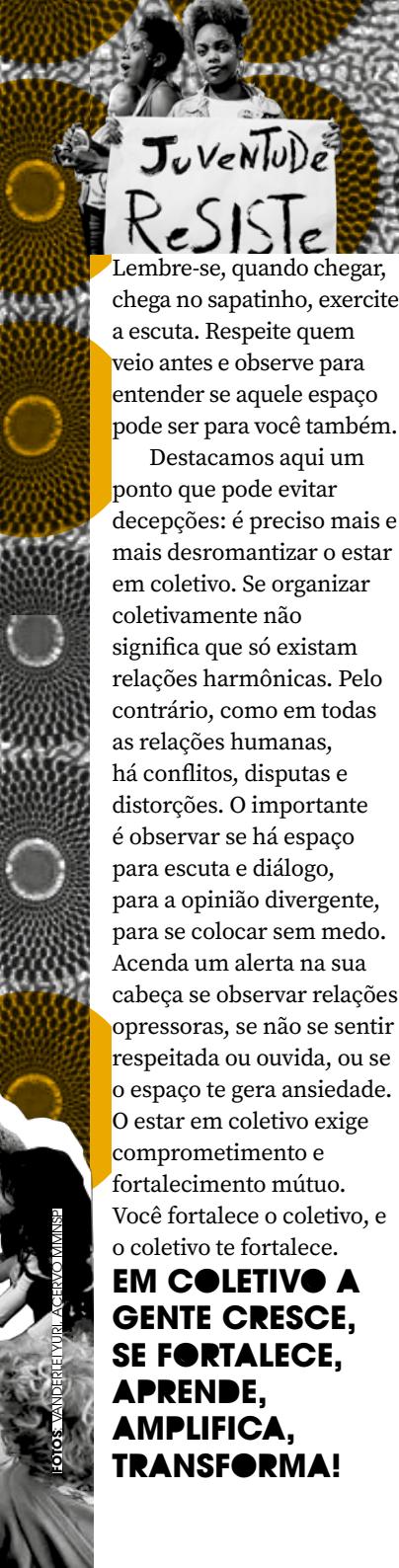
Decidir se organizar exige uma reflexão profunda sobre o que você busca agregar, ou melhor ainda, no que quer contribuir. A gente se engaja no que faz sentido. Naquilo que tem correspondência com a nossa prática, a nossa vida em si. Quando se decide se organizar, é importante saber o que te move. Onde colocaria energia em prol da transformação social, de uma causa, de uma necessidade objetiva. Nós, da MMNSP, nos movemos pelo combate a todas as manifestações do racismo, do patriarcado e da exploração do capital em nossas vidas, assim como nos movemos na construção do Bem Viver.

Saber o que nos move é essencial para nos organizar coletivamente. Estar atenta a sua existência, às questões do seu território, do seu bairro, saber quais são as suas necessidades e as da sua comunidade... Você já visitou a Associação de Moradores do seu bairro? Samba? Espaço Cultural? Biblioteca comunitária? Observe que há muitos coletivos, associações, grupos políticos que já fazem trabalhos em diferentes áreas, conhecê-los pode ajudar.

Outro passo importante é dialogar com pessoas de confiança sobre o tema, trocar ideia com amigues para ouvir outras impressões. Identificar seu campo de interesse e o que acontece ao seu redor são etapas que podem ajudar muito.

PISTAS DE UM CAMINHO:

- Encontre o que te move
- Observe o que acontece ao seu redor
- Chegue com cuidado e respeito
- Importante exercitar a escuta
- Lembre-se de que você tem direito a fala
- Observe se está conseguindo aprender algo
- Saiba perceber quando está ensinando algo



Lembre-se, quando chegar, chega no sapatinho, exerceite a escuta. Respeite quem veio antes e observe para entender se aquele espaço pode ser para você também.

Destacamos aqui um ponto que pode evitar decepções: é preciso mais e mais desromantizar o estar em coletivo. Se organizar coletivamente não significa que só existam relações harmônicas. Pelo contrário, como em todas as relações humanas, há conflitos, disputas e distorções. O importante é observar se há espaço para escuta e diálogo, para a opinião divergente, para se colocar sem medo. Acenda um alerta na sua cabeça se observar relações opressoras, se não se sentir respeitada ou ouvida, ou se o espaço te gera ansiedade. O estar em coletivo exige comprometimento e fortalecimento mútuo. Você fortalece o coletivo, e o coletivo te fortalece.

EM COLETIVO A GENTE CRESCE, SE FORTALECE, APRENDE, AMPLIFICA, TRANSFORMA!

COLETIVOS, GRUPOS, FRENTES, PARTIDOS QUE COMPÕEM A MARCHA DAS MULHERES NEGRAS DE SP (em ordem alfabética)

- Afronte
- AGÒ LÒNÀ - Associação
- AMPARAR - Associação de familiares e amigos de pessoas presos
- Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB)
- Articulação de ONGs de Mulheres Negras Brasileiras
- Associação agentes da cidadania (Mulheres da Luz)
- Associação Baobá de Canto e Coral
- Blogueiras Negras
- Catadoras da Granja Julieta
- CEERT - Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades
- Círculo Palmarino
- Coalizão Negra por Direitos
- Cojira - SP - Comissão de Jornalista pela Igualdade Racial
- Coletiva Rebelião Negra
- Coletivo Acaçá Axé Odô
- Coletivo Feminista Maria vai com as Outras - Santos
- Coletivo Império de Candaces
- Cordão Tereza de Benguela
- Frente de Luta por Moradia
- Geledés - Instituto da Mulher Negra
- Ilê Asè Mesan Orun Oyá
- Ilê Ìyá Òdò Àsé Aláàfin Òyó
- Ilê Asè Oju Oyá
- Ilú Obá De Mín: Educação, Cultura e Arte Negra
- LaBora
- Marcha Mundial de Mulheres
- MNU- Movimento Negro Unificado
- Mulheres de Asé do Brasil - SP
- Mulher Educafro Brasil
- Mulheres negras que militam no PT, Psol e PCdoB
- Rede antirracista Quilombacão
- Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas
- RUA - Juventude Anticapitalista
- Samba Negras em Marcha
- Uneafro
- Unegro - União de Negros pela Igualdade
- União Brasileira de Mulheres - UBM

E UMA PORÇÃO DE MULHERES NEGRAS

INDEPENDENTES!

CADERNO

1

VOCÊ
ESTÁ
AQUIANCESTRAIS PARA CONHECER E
REVERENCIAR:

- Aqualtune
- Dandara dos Palmares
- Helena Nogueira
- Lélia González
- Luana Barbosa
- Luiza Bairros
- Mãe Stella de Oxóssi
- Marielle Franco
- Ruth de Souza
- Sônia Leite
- Theodosina Ribeiro
- Tula Pilar
- Xica Manicongo
- Zeferina

INTRODUÇÃO: Um convite à organização coletiva, bôra se aquilombar!

PREFÁCIO: Juntas e em movimento somos mais fortes

Marcha das Mulheres Negras de São Paulo:
sou porque somos!

COMO ESTAMOS ORGANIZADAS?

- Conheça nossos GT's permanentes
- Conheça nossos GT's temporários

PROJETOS PARA INSPIRAR

- Narrativas de Liberdade
- Aquilombar: ampliar universos
- Mulheres Negras: principal alvo da "Nova Previdência"
- Nasce mais um Projeto: bem viver, diálogo com a soberania alimentar

QUERO ME ORGANIZAR, O QUE FAZER?

CADERNO

2

NOSSAS GRIOTS:

- Cida Bento
- Conceição Evaristo
- Gilda Pereira
- Lenny Blue
- Nilma Bentes
- Nilza Iraci
- Regina Lúcia
- Sueli Carneiro



CADERNO
3

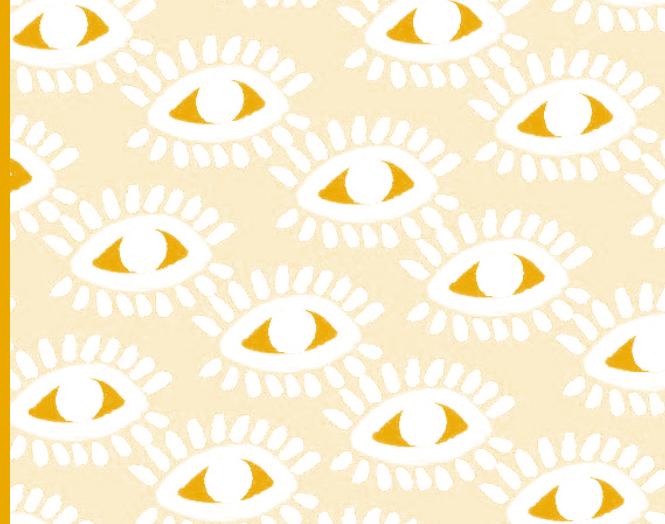
MANEIRAS DE SE ORGANIZAR:

- Associações
- Coletivos
- Cooperativas
- Frentes
- Grupos de estudos
- Instituições religiosas
- Núcleo de Estudos
- ONG's
- Partidos políticos
- Sindicatos

ALIMENTANDO SABERES

- Ancestralidade
- Bem viver
- Bifobia
- Capacitismo
- Colorismo
- Encarceramento em massa
- Epistemicídio
- Feminicídio
- Feminismo Negro
- Horizontalidade
- Identidade de gênero
- Interseccionalidade
- Lesbofobia
- Necropolítica
- Racismo institucional
- Racismo patriarcal
- Racismo religioso
- Sankofa
- Transfobia
- Ubuntu
- Valores civilizatórios afrobrasileiros

BIBLIOGRAFIA



BENTO, Maria Aparecida. **CARONE**, Iray: Psicologia Social do Racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58).

AKOTIRENE, Carla: Interseccionalidade/ Carla Akotirene - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Feusp, 2005. (Tese de doutorado).

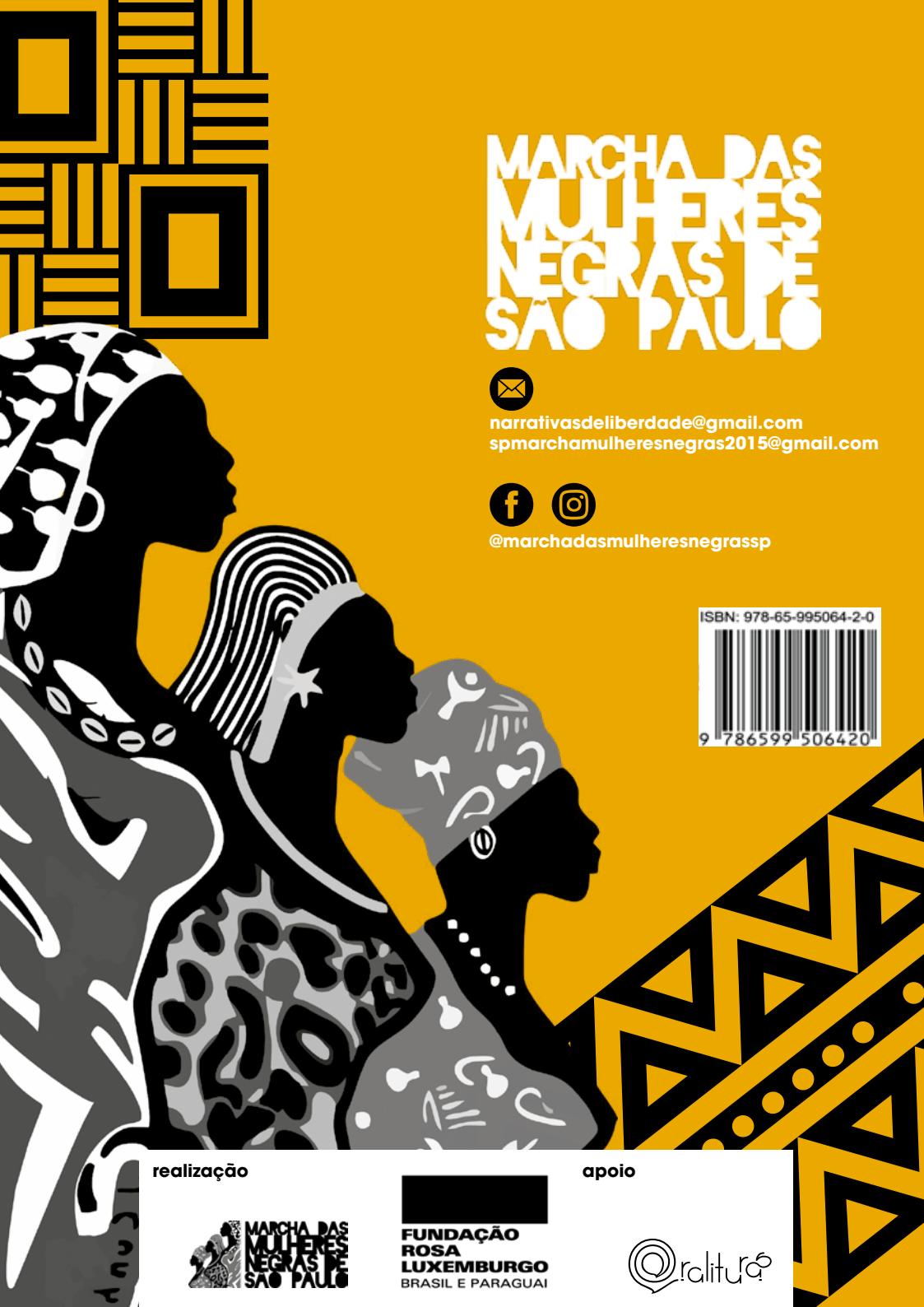
GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: N-1 edições, 2018, 80p.

ROLAND, Edna. O movimento de mulheres negras brasileiras: desafios e perspectivas. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio; HUNTERLY, Lynn (Org.). Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 237-256.

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRASIL, Érico. Mulheres Negras do Brasil. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007. 496 p. Inclui bibliografia. Publicado em parceria com a REDEH (Rede de Desenvolvimento Humano).





MARCHA DAS MULHERES NEGRIAS DE SÃO PAULO



narrativasdeliberdade@gmail.com
spmarchamulheresnegras2015@gmail.com



@marchadasmulheresnegrassp

ISBN: 978-65-995064-2-0



9 786599 506420

realização



apoio

